

“EU TÔ TE EXPLICANDO PRA TE CONFUNDIR” - A PERSONAGEM EM FICÇÃO E O LIVRO AUTOBIOGRÁFICO DE TOM ZÉ

Patrícia Anette Schroeder Gonçalves (IEB-USP)¹

Resumo: Este artigo visa a problematizar as leituras interpretativas feitas sobre a obra fonográfica de Tom Zé quando tratam seu relato autobiográfico (publicado pela editora Publifolha em 2003) apenas como uma *fonte biográfica*. Nosso objetivo, aqui, é sinalizar então uma entrada inicial para algumas possibilidades de análise crítica desta obra, que a encarem, antes, como *narrativa* a ser, ela própria, interpretada.

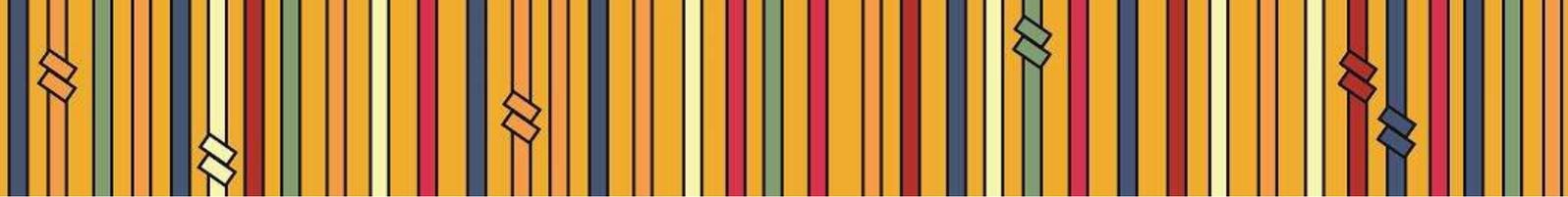
Palavras-chave: Autobiografia; Tom Zé; Tropicália.

Tropicalista Lenta Luta e o biografismo brasileiro

Duas obras deste começo de século do cancionista Tom Zé, nas quais ele rediscute a história e a estética da Tropicália, parecem ter grande interesse enquanto narrativas sobre este movimento. Se a origem do tropicalismo fora amplamente relacionada, por diversos críticos e por artistas do próprio grupo (notadamente Caetano Veloso), ao legado estético e político do Modernismo brasileiro da década de 1920, e também à Bossa Nova, à Jovem Guarda, ao Cinema Novo, ao teatro de vanguarda dos anos 1960 e às influências do Rock “internacional”, nessas duas obras de Tom Zé, essas relações são suspensas para dar lugar a uma narrativa conceitualmente diversa, que se volta sobretudo à importância da Bahia na sua formação e extensivamente também da formação do grupo tropicalista. O livro de sua autoria, *Tropicalista Lenta Luta* (2003, publicado pela Publifolha) e seu disco posterior *Tropicália Lixo Lógico* (2012, gravação independente, porém com patrocínio do edital Natura Musical) apresentam pois suas “teses” sobre as determinações e origens do movimento segundo seu ponto de vista, ou, se quisermos, uma versão própria da história por parte de quem não se inseriu da mesma forma que seus pares no mercado fonográfico.

Seu livro, objeto de leitura do presente ensaio, surge em um contexto editorial que merece ser destacado, em que a biografia e a autobiografia configuram um dos gêneros literários mais vendidos no Brasil. Já no momento inicial deste *boom* editorial, a vocação do biografismo brasileiro nas últimas décadas tem sido a de comentar

¹ Graduada em Letras (FFLCH-USP), mestranda em Culturas e Identidades Brasileiras (IEB-USP).
Contato: patricia.anette@gmail.com



celebridades públicas da atualidade. Segundo Walnice Nogueira Galvão, “nosso” biografismo

toma impulso nos anos de 1970, quando os autores passam a vasculhar desvãos e personagens mais enigmáticos. Aos poucos, foram resultando livros estimulantes, baseados em pesquisa, que iluminam celebridades da terra tais como políticos, cantores, artistas, ídolos do futebol etc. (GALVÃO, 2005: p. 351.)

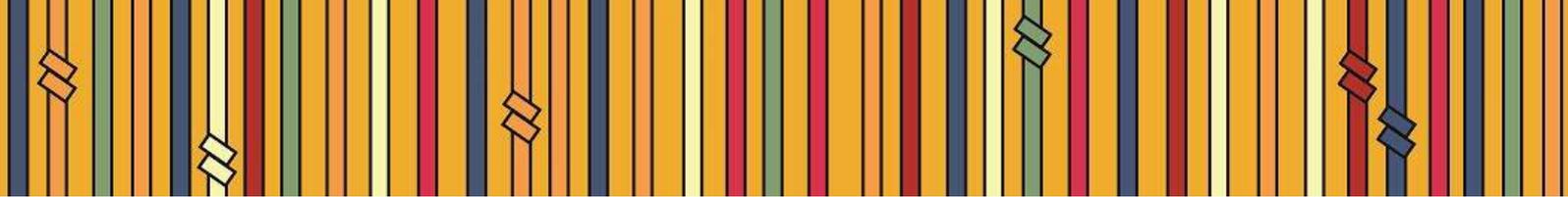
Segundo a autora, a partir da década de 1970 haveria em verdade um “novo biografismo” brasileiro, que para ela se garante em “uma origem específica, apesar de transbordar posteriormente desse estreito vale: *o resgate da saga da esquerda*, duramente reprimida pela ditadura militar que se implantou por golpe em 1964.” (*idem, ibid.*, grifo nosso). Em seu artigo citado, a professora explicitará que não se trata do surgimento *tout court* do memorialismo ou do biografismo no Brasil, uma vez que nos anos 1940 e 50 houvera já um fenômeno biográfico notável. Esclarece: “é claro que as editoras sempre mantiveram coleções de biografias, mas ao velho estilo, enquanto agora a novidade é o formato, a atualidade e a abundância” (*idem*, p. 360) – formato dado pelos jornalistas brasileiros agora no comando da caneta das biografias; atualidade referente à matéria dessas biografias, voltadas a tempos recentes e não mais longínquos; e abundância por serem responsáveis por grandes vendas e estarem, segundo Galvão, em crescente número nos catálogos das editoras.²

Enquanto “sub-nicho” mercadológico deste novo biografismo brasileiro, as autobiografias e biografias musicais, que têm alguma importância para a reprodução e divulgação desses músicos e cancionistas³, parecem contudo carecer ainda do interesse da crítica literária. Esses materiais tão evidentemente emaranhados na indústria cultural são tidos frequentemente como documentos para uma apreciação histórica: muito mais que narrativa, ficção ou autoficção, as autobiografias desses artistas têm sido sobretudo tratadas, notadamente pelo campo em constante crescimento⁴ de estudos de canção

2 A professora ainda sugere estar em curso, na época do artigo, um fenômeno editorial cuja tendência era os romances declinando em número nos catálogos, em oposição às biografias, cujo tema da formação do herói fora abandonado pelas vanguardas do século XX e fora aparentemente retomado nesse novo *boom* do biografismo. (GALVÃO, 2005: p. 359).

3 Acreditamos que essa questão, ainda sem investigação até onde temos notícia, valeria a pena ser aprofundada.

4 Ver sobre esse aspecto o ensaio de Júlio Diniz, “Nem bossa nem fossa – os estudos de música popular em perspectiva” in OLINTO, H. K., SCHOLLHAMMER, K. E., SIMONI, M. *Literatura e Artes na Crítica Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.



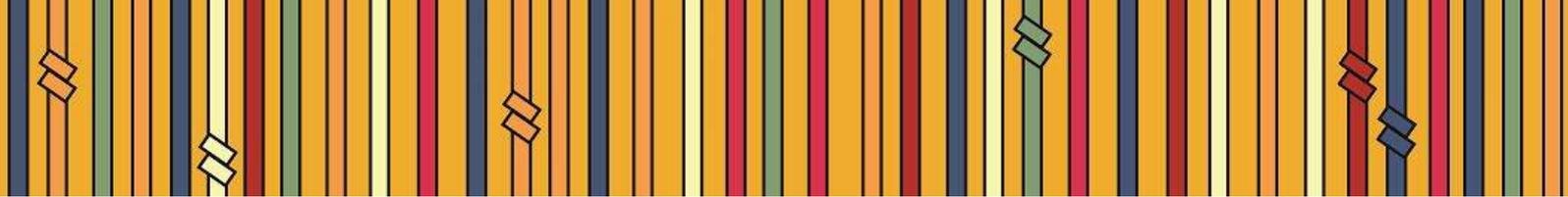
popular-comercial brasileira, como se usa fazer com as entrevistas de jornais, ou seja, sem uma reflexão metalinguística ou discursiva, de estilo ou de forma, tampouco com uma reflexão sociológica sobre seu gênero, sua produção no mercado editorial e sua recepção. Não tem sido diferente na discussão bibliográfica do cancionista baiano radicado em São Paulo, Tom Zé.

Poderíamos nos perguntar, de partida, se o livro de Tom Zé cabe àquela formulação de Walnice Nogueira Galvão citada anteriormente: serão os músicos tropicalistas também parte desta saga da esquerda durante a Ditadura Militar, trajetória heroica biografada em abundância até hoje? O artigo de Galvão, publicado em 2005, não menciona o livro de Tom Zé e tampouco o de Caetano Veloso, da década anterior, em nenhum momento. Em uma tentativa titubeante de responder a essa pergunta, poderíamos dizer que sim, afirmando o papel estético revolucionário do tropicalismo para o cenário cultural dos chamados anos de chumbo e lembrando a importância desses artistas para a então debatida crise da canção brasileira. Em outra direção, nossa argumentação poderia rumar para as contradições de um movimento artístico ambíguo e individualista⁵, de laços frouxos com o que se poderia chamar de esquerda e muito mais semelhante às trajetórias dos artistas para o que hoje vemos sem demora como pop stars. Sem nos aventurar a esgotar tal questão complexa e amplamente debatida há décadas, em tão poucas linhas, podemos nos limitar a refletir que essas histórias autobiográficas, tanto a *Verdade Tropical* de Caetano Veloso (1997, Companhia das Letras), quanto a posterior *Tropicalista Lenta Luta* mencionam a questão da censura da Ditadura Militar e dão sua versão posterior dos fatos – não de militantes, é claro, mas de artistas que buscavam, então, um lugar na sombra fresca da indústria cultural que se consolidava no Brasil, e que também eles não passam impermeáveis ao seu tempo.

Por essas e outras particularidades, o livro de Caetano Veloso tem recebido desde sua publicação atenção merecida da crítica, dividido opiniões e recolocado questões para os estudiosos culturalistas que se prezam a pensar os anos 1960 no Brasil e no mundo. No entanto, salvo engano, a curta narrativa do livro de Tom Zé, que não se presta, é verdade, à tentativa ensaística de Veloso de uma verdadeira formação do herói romanesco⁶, mas que ainda assim se aventura a “reencenar” alguns momentos de sua

5 Individualismo por exemplo assinalado em COELHO, F. “Nota editorial” in _____, COHN, S. (org.) *Tropicália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

6 Nos referimos aqui ao ensaio de Roberto Schwarz em que analisa o livro de Caetano. Para o crítico, “Além de autobiografia de artista, *Verdade Tropical* é uma história do tropicalismo e uma crônica da



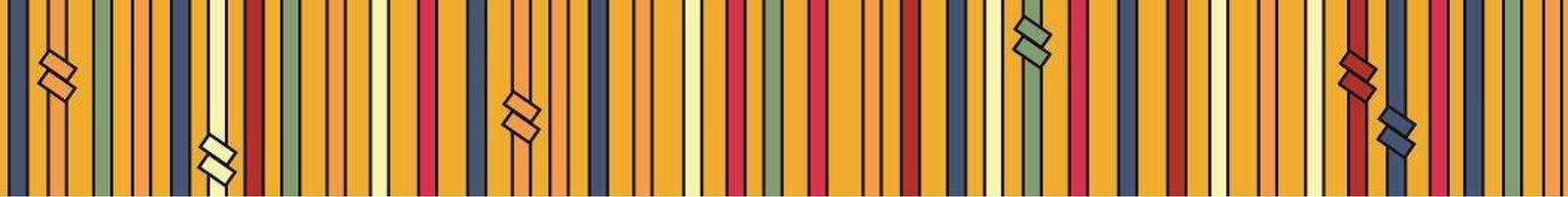
trajetória – este livro permanece obscuro, mesmo para os poucos que se atrevem a realizar leituras interpretativas de sua obra fonográfica.

A questão da personagem na ficção: o narrador-personagem Tom Zé

Para uma abordagem iniciante do livro escrito por Tom Zé, relembremos que narrativa ficcional e relato biográfico ou memorialístico são gêneros que, como qualquer outro, passam longe de qualquer *pureza*. De inúmeras maneiras, vida e ficção se confundem: tanto no sentido do leitor ou espectador de ficção, que confiam a ela a credibilidade de um documento insuspeito, em que a questão da autoria do livro ou do filme quase não se percebe; quanto no sentido inverso, em que um relato biográfico aposta em certo realismo narrativo cujo efeito, pouco importa se intencional ou não, acaba em escamotear seu caráter ficcional e mesmo estético. Numa obra declaradamente biográfica como esta de Tom Zé, cuja capa o ilustra em um retrato de seu rosto emoldurado por flores vermelhas – o que desde aí já remete a um aspecto biográfico sempre noticiado em suas entrevistas e resenhas de que ele trabalha como jardineiro de seu prédio como forma de reprodução financeira; cuja contracapa cita uma frase que se torna, com esse grifo editorial, bastante significativa de seu relato, “Não era música, era vida”; e cujo interesse reside na leitura da *experiência* do artista – é evidente que *vida do indivíduo* e *vida do personagem-narrador* se confundam quase inseparavelmente para o leitor desavisado que procure, ali, indícios de verdade sobre a obra fonográfica de Tom Zé ou sobre a Tropicália, anunciada no título. É assim que muitos críticos de sua obra cancional leem seu livro instrumentalizando-o como fonte histórica e biográfica, sem verticalizá-la como narrativa ou ficção.

No entanto, em estudos literários, as questões da personagem na ficção podem vir a dar alguma luz para a questão do narrador-personagem em uma autobiografia. Anatol Rosenfeld, preocupado em definir didaticamente o que seja a tal da ficção, já frisou que apesar de todas as suas determinações descritivas e narrativas, ou seja, tudo o que se conta e se detalha em palavras, sempre haverá em ficção o que ele chamou de “zonas indeterminadas”, já que não há como definir e descrever absolutamente “tudo” em uma narrativa. Poderíamos brincar de teóricos literários e emular uma formulação: toda iluminação de cena tem algo de ilusionismo. Mas deixemos a caneta para Rosenfeld:

geração à volta de 1964. A sua matéria são as questões estético-políticas do ofício de pop star nas condições do Terceiro Mundo.” (SCHWARZ, 2012: pp. 52-53).

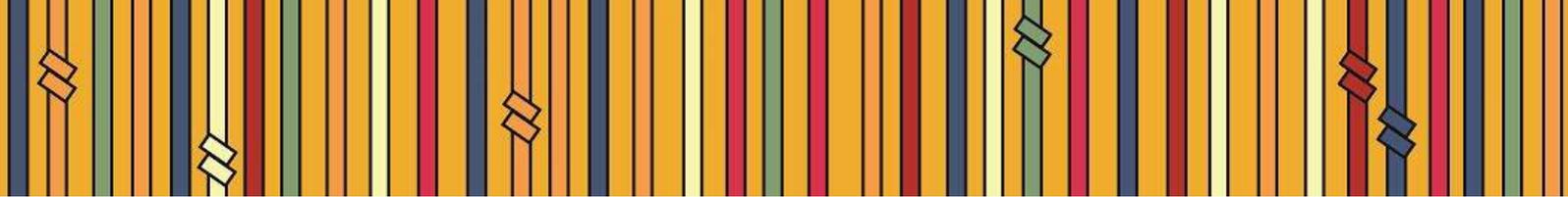


O curioso é que o leitor ou espectador não nota as zonas indeterminadas (que também no filme são múltiplas). Antes de tudo porque se atém ao que é positivamente dado e que, precisamente por isso, encobre as zonas indeterminadas; depois, porque tende a atualizar certos esquemas preparados; finalmente, porque costuma ‘ultrapassar’ o que é dado no texto, embora geralmente guiado por ele. (ROSENFELD, 2005, p. 34)

Tendo essa reflexão como ponto de partida, poderíamos pensar que as “zonas indeterminadas” de um relato autobiográfico ou biográfico são muito prontamente ultrapassadas, como diz Rosenfeld, e até preenchidas pelos esquemas previamente definidos pelo gênero literário, por informações e determinações da realidade empírica, que antecipam o leitor com relação ao narrador-personagem, jamais visto como tal, mas como uma pessoa, de carne e osso.

Digo, especificamente, “carne e osso”, pois na primeira parte da biografia de Tom Zé, em que o tema central é sua experiência de criança e adolescente com a música na sua cidade natal Irará (BA), ao final de alguns fragmentos, entre parênteses, nosso narrador sugere certo canibalismo do leitor, que enquanto descobre as primeiras páginas da narrativa, devora o autor. Entre parênteses, ainda, nos parecem uma rubrica teatral – algo que acontece *durante* o monólogo do livro. Cito algumas de suas frases: “Sai o cantador; a ama oferece guardanapos; limpando a boca, os devotos desta carta podem meter o dente no meu primeiro osso.” (2011: p. 18). Ao final do fragmento seguinte: “Mais guardanapos; os apóstolos limpam a boca” (*idem, ibid.*). E no seguinte: “A ama traz mais guardanapos e água numa bacia” (*idem*: p. 20). “Chegada ao tutano do primeiro osso; nova sessão de abluções; mais guardanapos.” (*idem*: p. 21). E algumas páginas depois: “Numa boa sombra, os amigos digerem meu osso para esperar a nova refeição” (*idem*: p. 25).

Apesar dessas metáforas antropofágicas serem extremamente analíticas, no sentido da quebra em partes, e apesar da linguagem ensaística do texto em si, existe sempre uma digestão da leitura que vai amalgamar esses ossos e essas partes de forma a entender os fragmentos de narrativas como “a vida e o percurso de Tom Zé, o experimentalista e renegado tropicalista”. Como dissemos, toda a edição também corrobora para essa leitura: além da foto de Tom e a frase na quarta capa, a diagramação, também, decidiu por não justificar os parágrafos, na aparência de um



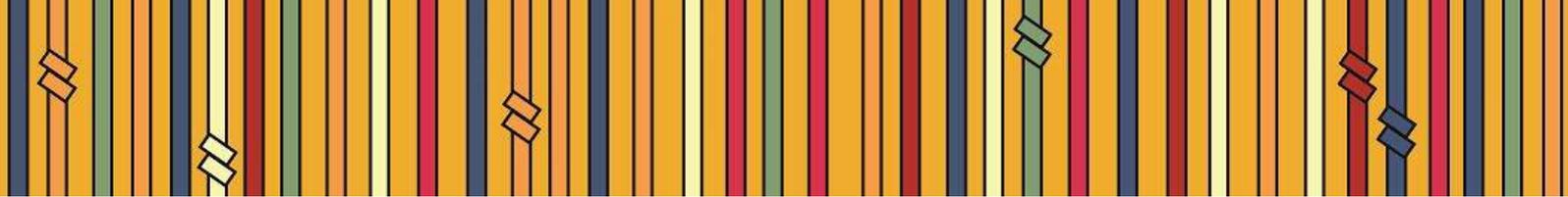
texto digitado à máquina. Além do relato, textos de sua autoria que saíram em jornais nos últimos anos foram reunidos nesta publicação, juntamente a uma entrevista feita pelo editor, Arthur Nestrovski, e o professor Luiz Tatit – entrevista que, nos parece, procura dar uma interpretação final à discussão sobre o ostracismo do artista Tom Zé entre as décadas de 1970 e 1990⁷. Além disso, o imediato início do texto, fazendo menção à encomenda do livro feita pela editora, nos direciona prontamente ao início de um relato memorialístico em que Tom Zé é convidado, diz ele, reproduzindo mesmo o hipotético diálogo com o editor, a escrever trinta laudas sobre o Tropicalismo, “com total liberdade” (ZÉ, 2011: p. 15).

Faço essas considerações pois não é razoável dar de barato que esta seja claramente uma ficção e que os leitores que não a tomaram como tal se equivocaram. Não se trata mesmo de uma obviedade, dado o realismo pretendido por esta como pela maioria acachapante das biografias. Do ponto de vista do mercado editorial, a regra é clara: autobiografia. Vende mais, e deve ser apresentada de tal maneira. Para os fãs, que são convidados por Tom Zé a comprar seus produtos a cada fim de show, no *stand* administrado por (sua companheira, orientadora filosófica, empresária e funcionária?) Neusa, o livro está ao lado dos discos, e é consumido, ali, numa continuidade do consumo da performance do show. É com certeza compreensível que se pense no livro como um artigo do artista: tem a aparência de que completa o conhecimento sobre a figura-Tom-Zé e também temos a aparência de que conhecermos a figura também ajuda no conhecimento do livro.

No entanto, o que me parece digno de nota é a complicação de a recepção acadêmica – crítica? – aderir completamente a essa mesma visão de fã. Sem “suspeitar” em nenhum nível do narrador, sem fazer a análise da escrita – pensando em uma quebra pré-interpretativa –, sem também verticalizá-la enquanto fonte, alguns estudos acadêmicos têm se destacado em colar suas narrativas na de Tom Zé, tratando-a em total identidade em suas análises musicais.

Frente a tal complicação, parece-nos que uma certa injustiça historiográfica – real – com as narrativas dos tropicalistas menos célebres tem justificado – implicitamente –

7 Tom Zé, em entrevista à Folha Online anos depois da publicação do livro, no contexto de uma reedição, desaconselha que a entrevista seja lida antes de seu relato, defendendo que seu relato é curto e simples. A assertividade dessa recomendação chama a atenção. (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/publifolha/320200-tropicalista-lenta-luta-reune-textos-e-letras-do-musico-e-compositor-tom-ze.shtml>)



essa grande aderência imediatista dos estudiosos de Tom Zé às narrativas deste cancionista. Com isso, queremos dizer: a desproporção historiográfica é clara. Com toda razão, críticos como Frederico Coelho (2002) têm apontado para o fato de que a historiografia deve olhar mais, no que diz respeito ao tropicalismo, às inúmeras fontes ainda inexploradas da Tropicália, que ficaram à sombra do gigantismo pop de Caetano Veloso. Enquanto estudos críticos, são de fato imprescindíveis que as discussões sobre Música Comercial Brasileira saiam da eterna ponte Chico-Caetano e que encontrem interesse em verticalizar outras e excelentes fontes.

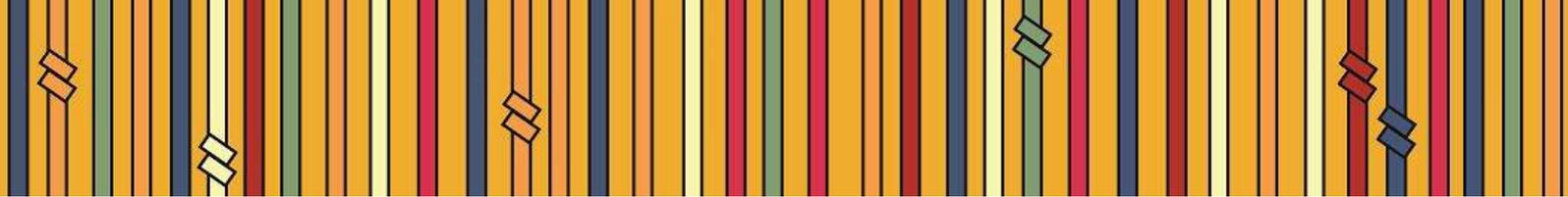
No entanto, tomar uma narrativa como esta e como tantas outras de Tom Zé como verdade insuspeita, como cenário, como mero contexto (por vezes romântico) para as interpretações e aferições estéticas dos críticos sobre a obra de Tom Zé – que frequentemente interpretam suas músicas diretamente em determinação com a vida do iraraense, ou melhor, com os seus relatos sobre ela – parece uma confusão que a crítica literária poderia solucionar ou, de preferência, complicar exponencialmente. Afinal, se por alguma viravolta surpreendente e pós-apocalíptica no mundo acadêmico tudo vingar com exceção do cientificismo, também nós – do lado de cá da indústria cultural – poderíamos aderir à máxima utópica do “eu tô te explicando pra te confundir”...

Referências

COELHO, Frederico Oliveira. “A formação de um tropicalista: um breve estudo da coluna “Música Popular”, de Torquato Neto” in *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: n.30, p. 129-146, 2002.

_____. “Nota editorial” in _____, COHN, S. (org.) *Tropicália*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

DINIZ, Julio. “Nem bossa nem fossa – os estudos de música popular em perspectiva” in OLINTO, H. K., SCHOLLHAMMER, K. E., SIMONI, M. *Literatura e Artes na Crítica Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.



GALVÃO, Walnice Nogueira. “A voga do biografismo nativo”. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, p. 349-366, 2005.

ROSENFELD, Anatol. “A personagem de ficção” in CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SCHWARZ, Roberto. “*Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*” in *Martinha vs. Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZÉ, Tom. *Tropicalista Lenta Luta*. São Paulo: Publifolha, 2011 (1ª reimp. Da 2ª ed. de 2009).